



QUATRO GERAÇÕES: ENSINO DE HISTÓRIA DO SUDOESTE DO PARANÁ POR MEIO DO ROMANCE HISTÓRICO.

Eleandro de Morais Vieira¹
Heloise Bremm Pontes²

RESUMO

O presente artigo ressaltar as mudanças que ocorrem no modo de perceber, estudar e interpretar a História a partir do século XX com a Escola dos *Annales*, e como essas transformações influenciaram na mudança do ensino da disciplina, ambos os movimentos com a crítica à História tradicional, baseada na narração dos fatos dos grandes homens políticos, militares e eclesiásticos, ressaltando a História vista de baixo, trabalhando com a História cotidiana, local, regional, micro história, e de outros sujeitos antes negligenciados, como as mulheres, operários, e com a análise de novos documentos, como pinturas, literatura, música. Com o objetivo de construir no estudante uma consciência histórica que permita que atue no mundo de forma autônoma, visualizando o passado como forma de experiência, usando isso no presente e projetando o futuro com base na expansão da sua vida temporal, a partir do conhecimento de outros sujeitos, é que novas linguagem se fazem necessárias para que a História seja percebida como uma disciplina interessante, principalmente no contexto atual em que as várias tecnologias de entretenimento fascinam os alunos, de modo a perceber a educação tradicional como algo banal. Neste sentido, analisamos de que maneira o romance histórico do Jornalista Ivo Pegoraro, intitulado “Quatro Gerações”, que enfatiza seu enredo na região Sudoeste do Paraná, pode contribuir com o ensino da História, já que pode motivar os estudantes, tendo em vista a leitura mais envolvente, o trabalho da região em que constroem suas existências e a interdisciplinaridade que pode ocorrer com este trabalho.

Palavras chaves: Sudoeste, História, Literatura

¹ Acadêmico do Curso de História da Universidade Paranaense, campus de Francisco Beltrão-PR.

² Acadêmica do Curso de História da Universidade Paranaense, campus de Francisco Beltrão-PR

INTRODUÇÃO

A partir da leitura deste artigo será possível visualizar as mudanças que ocorrem a partir do século XX no modo de fazer a História, mudando do modo tradicional à “nova História”, com um novo modo de interpretar e escrever, utilizando novas fontes/documentos/monumentos, e enfatizando novas temáticas, que não só aquelas que prezam os grandes feitos dos grandes homens. A partir deste momento verifica-se uma diversificação no estudo da História, que começa a ser contada a partir das classes baixas, do micro, da região, do local, valorizando os elementos do cotidiano, da linguagem, do imaginário.

Com a utilização de novas fontes, também pelo ensino de História, o ato de construir, junto com o estudante, a consciência histórica, para que ele possa agir de forma mais eficaz no mundo, torna-se mais prazeroso, pois abre um leque de possibilidades que podem atrair os educandos com o uso de linguagens alternativas, com diversos olhares para o mesmo fato, e com a possibilidade de construir a História na relação com o documento histórico, tendo como mediador, o professor.

Um dos novos documentos que a ciência História utiliza, e que pode também ser utilizado pelo ensino de História é a análise e interpretações de obras literárias, e, é neste sentido que o artigo trabalha com o romance histórico do jornalista beltronense, Ivo Pegoraro, que produziu no ano de 2017 a obra “Quatro Gerações”, que tem como espaço de trama o espaço geográfico que compreende o Sudoeste do Paraná na atualidade, envolvendo aspectos, características e peculiaridades que foram se concretizando através do tempo. O trabalho com o romance visa proporcionar uma maior atratividade para os alunos e possibilitar o trabalho interdisciplinar, já que ela pode ser utilizada ao mesmo tempo por outras disciplinas, como, a Língua Portuguesa, a Sociologia, a Geografia, e, além disso, enfoca a região em que os alunos constroem suas relações e existências, aumentando assim, ainda mais o interesse pela construção do conhecimento que sempre deve ser acompanhado de bases científicas, já que, apesar da aproximação narrativa da Literatura e da História ser observável, as diferenças fundamentais devem se manter, como, por exemplo, o enfoque metodológico buscando se chegar ao mais perto possível da verdade, mesmo sabendo que nunca se chegará à absoluta verdade, o uso de documentos aproxima-se dela por meio de técnicas científicas, e as viagens e ilusões, da Literatura, que apesar de histórica neste caso, usa das artimanhas da imaginação para atrair o leitor e tornar a obra a mais prazerosa possível, mesmo que trate de aspectos do nosso espaço.

O Sudoeste do Paraná contém inúmeros fatos históricos que fizeram a região ser o que é, e que podem ser trabalhados na escola, inclusive com a relação da História local, com a nacional e a global, e mesmo que a obra trate de diversos fatos desta História ou “histórias”, enfatizamos, neste estudo, a análise da Revolta dos Posseiros de 1957, já ressaltando que eventos como a atuação do GETSOP (Grupo Executivo para as terras do Sudoeste do Paraná), o êxodo rural, as mudanças espaciais, as transformações da agricultura, e diversos outros temas podem ser observados no romance e trabalhados pela História em sala de aula.

1. História e ensino

A História sofre enormes transformações no século XX com o movimento que deu a ela a denominação de “nova”. A “nova história” teve sua expressão cunhada na França com a chamada Escola dos *Annales*, agrupada em torno da Revista dos *Annales*, criada em 1929 por March Bloch e Lucien Febvre. Foi uma reação contra o paradigma tradicional da História, contra o modo como estava sendo considerada a maneira de fazer História (BURKE, 1992). As ideias do movimento se resumem na crítica do fato histórico, da história política, a abertura à colaboração de outras ciências sociais, a substituição da história-conto pela história-problema, e a atenção pela história presente (LE GOFF, 2003).

A nova história passou a interessar-se por toda a atividade humana, daí a expressão “história total” tão presente nos historiadores dos *Annales*. Surgiram desta visão, várias histórias, como a da infância, da morte, do amor, da loucura, das mentalidades, do alimento, em oposição ao forte predomínio da história política do paradigma tradicional da História. A “nova história” se atentou mais para a análise das estruturas e não tanto para a narração dos acontecimentos. Outro ponto digno de nota é que a “nova história” prezou pela história “vista de baixo”, em atenção às ações, opiniões e atitudes das pessoas comuns e suas experiências sociais, diferente da história tradicional que se detinha a “história vista de cima”, privilegiando as ações dos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais e eclesiásticos. A “nova história” atentou-se também para o uso de novos documentos, antes esquecidos pela história tradicional, como literatura, pinturas, fotos, história oral, estatística. Por fim, vale destacar que a nova história colocou em evidência a objetividade da história, considerando que a nossa mente não reflete diretamente a realidade, mas sofre interferência das convenções, esquemas e estereótipos de nossa cultura (LE GOFF, 2003).

As mudanças das fontes, métodos, paradigmas e objetivos da História e da historiografia influenciam também o ensino de História e sua didática, de modo que ele pode, e deve usar de diferentes tipos de fontes para ensinar, fortalecendo o princípio da relatividade, da existência de várias histórias de acordo com a visão de vários historiadores, que por sua vez veem o mundo de forma diferente, de acordo com a cultura e o meio social em que vivem e, introduziu o presente e o contexto dos estudantes como ponto de partida para a construção da História na sala de aula.

Fica evidente que para fazer, escrever, e produzir História, assim como para ensiná-la, antes de qualquer coisa, é necessário gostar de História, amá-la e estar disposto a enfrentar toda a sua paixão, “só assim formulas e convenções consideradas tradicionais podem ser superadas ou aprimoradas, para pôr em seu lugar um ambiente marcado pela reflexão e animado pelo debate” (MICELI, 2014, p.39).

O ensino de História no Brasil passou por várias mudanças e transformações, desde os objetivos de usá-la para criar e expressar a ideia de nação, patriotismo e cidadão, embasada na ideia de identidade comum do povo brasileiro (NADAI, 2014), começando a gerar conflitos e contradições no momento em que as classes populares são introduzidas em massa na escola com a criação de cursos noturnos na década de 1950, objetivando sua introdução na sociedade industrial daquele período (PINKY, 2014).

Nos anos 1960 as contradições aumentam com a expansão do ensino secundário e uma proposta elitista que trabalhava de modo a manter uma minoria como classe privilegiada, fazendo surgir, neste momento, em vários estados do país escolas que testavam currículos, métodos, conteúdos e práticas, trazendo a tona inovações interdisciplinares e aceitando a contribuição de outras ciências humanas, valorizando seu caráter problematizador e interpretativo, utilizando fontes diversas, como música e literatura (NADAI, 1993).

Mesmo com a ditadura, sua censura e mecanismos coercitivos, a produção histórica foi se renovando, incorporando temas sociais como a escravidão, o estudo da classe operária, dos camponeses, das mulheres, entre outras, além de enfatizar também a história local e regional, se restringindo, no entanto, esta vasta produção ao meio acadêmico, devido a conjuntura autoritária e asfixiante (NADAI, 1993).

Neste mesmo período, professores tiveram sua formação acelerada pelo investimento em número de vagas abertas pelo regime, empobrecendo a formação e deteriorando a qualidade do ensino. Não bastasse isso, foi tirado da História o caráter de disciplina autônoma com a criação dos

Estudos Sociais no ensino fundamental (chamado de primário na época), visando a formação de sujeitos dóceis e obedientes (NADAI, 1993).

A partir de meados da década de 1980 começam a aparecer novos referenciais para o estudo da História. Surgem modificações no que tange a problemática, como o reconhecimento de que o domínio da história universal tal como vinha sendo tratada chegou ao fim, de que os temas e conteúdos deviam privilegiar a diferença e a diversidade, deixando de lado a uniformidade e as regularidades. A História devia ser constituída de forma temática, com abordagens que partem do cotidiano, da micro história, reconhecendo que precisa-se ensinar também o método e que o conteúdo não pode ser tratado de forma isolado. A História começou a ser vista com o objetivo de emancipar os alunos, utilizando de fontes variadas e resgatando discursos múltiplos sobre temas específicos (NADAI, 1993).

Atualmente, tem-se a concepção de que a finalidade essencial do ensino de História é a formação da consciência histórica do aluno que equivale a capacidade cognitiva de interpretar a experiência dos sujeitos de forma que possam orientar intencionalmente a sua vida no tempo de modo consciente. Assim sendo, o ensino voltado à formação da consciência histórica do estudante deve se propor a trabalhar com a pluralidade e multiperspectividade, não mais centrado na aquisição de conteúdos que mostrem acontecimentos, mas na elaboração de repertórios que deem suporte ao enfrentamento e ao entendimento das carências produzidas nas relações entre os sujeitos, identificando por meio do trabalho com fontes diversas, construindo explicações históricas argumentadas por meio delas e expressando as explicações em narrativas, capacitando a elaboração de orientação a partir de relações estabelecidas com o passado, tendo como referencia o presente e olhando para o futuro (SCHMIDT, 2014).

A aprendizagem histórica envolve um processo de fatos colocados conscientemente entre dois polos, um objetivo, que envolve mudanças que pessoas e seus mundos sofreram em tempos passados e outro, subjetivo, que diz respeito a compreensão de si mesmo e sua orientação no tempo (RUSEN, 2014).

1.1 Literatura e História

A História, enquanto disciplina, tem adotado de bom grado elementos culturais usados como fontes históricas e recursos didáticos, como obras literárias, cinema, fotografia, música. Tendo em vista que a pesquisa histórica, seja ela acadêmica ou proposta em sala de aula para estudantes de

ensino fundamental e médio, instiga e se constitui de um processo amplo que caminha a procura de vestígios e pistas, e envolve, inevitavelmente, o ato de ler, a literatura pode ser utilizada como fonte histórica e como recurso didático, visto que se encaixa de forma sublime ao ato de ensinar, aprender e construir história em sala de aula (MORAES, 2009).

A sala de aula não pode mais ser vista como um local onde se transmite informações de forma unidirecional e com apenas o recurso do livro didático, mas sim como um local onde se constrói uma relação de interlocutores que constroem sentido, necessitando, deste modo, levar até ela linguagens alternativas para estimular a observação, a reflexão, e a construção de senso crítico. Uma dessas linguagens alternativas são as obras literárias, que podem contribuir para abordagens de diferentes interpretações, com o confronto dos dois tempos, aquele em que a obra foi escrita e o contexto em que está inserido o leitor, além de despertar no estudante o interesse pela leitura e expandir a visão no que diz respeito ao que a narrativa literária pode mostrar (SOARES, 2011).

“Apresentar aos alunos a relação da História com a literatura nos permite trabalhar com eles o ofício do historiador e o distanciamento do mesmo com o escritor ficcional da obra literária [...]” (SOARES, 2011, p.797). O trabalho com a literatura permite ao ensino de História o trato sobre diversas temáticas e o confronto de visões distintas de fatos históricos, com o uso de outras fontes ou recursos, como o livro didático, levando o estudante a construir o seu conhecimento histórico (SOARES, 2011).

A literatura na disciplina de História assume o papel de significativa fonte de análise das diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço, dentro da ideia de representação, isto é, em saber o que os agentes históricos pensam do seu mundo social e da sua contribuição para a construção dessa visão de mundo que veem e compartilham entre si. Por outro lado, o texto literário, assim como o histórico, contribui também para a determinação, delimitação ou definição de sentidos no presente, pois ao reconstruir o passado, podem fazer de modo que satisfaça a exigência de certos grupos, e até mesmo transformá-lo de acordo com essas exigências (GRECCO, 2014).

A literatura, portanto, como testemunho ou documento histórico, indiretamente, fala do mundo por meio de uma linguagem metafórica e alegórica, no entanto, expressando formas de agir e pensar de um determinado tempo e espaço, traduzindo sensibilidades na apreensão da realidade por meio da linguagem literária que pode demonstrar ou mostrar elementos da vida cotidiana ou do aspecto social que de outro modo seriam difíceis de encontrar, como valores, normas e princípios (GRECCO, 2014).

“Assim, a compreensão de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural tem permitido ao historiador assumi-la como fonte de pesquisa. Portanto, toda ficção está sempre enraizada na sociedade, uma vez que é em determinadas condições e espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando através de diferentes signos linguísticos.” (GRECCO, 2014, p.8).

Sendo assim, vale colocar antes de seguir, que a literatura, apesar de distinta da História, se aproxima dela como forma de dizer a realidade e de atribuir ou desvelar sentidos a ela. A História e a literatura são narrativas que constroem um enredo e desvendam uma trama, novamente ligando-se ao conceito de representação que encerra uma ideia de presentificação do ausente, construída pelos homens para atribuir sentido ao mundo, que podemos chamar de imaginário. A literatura e a História são modalidades discursivas que tem como ponto de partida o real, mesmo que para negá-lo, ultrapassa-lo ou transfigurá-lo (PESAVENTO, 2003).

Entretanto, existem diferenças entre o romancista e o historiador, de modo que o romancista pode descrever a realidade, um acontecimento real vivido no tempo, no espaço, mas pode usar de sua liberdade intrínseca para criar, fugir, viajar, deslocar sua escrita do real, colocar em movimento seus desejos, suas excitações, suas ilusões e montar uma trama de acordo com o apetercer de sua imaginação, já o historiador deve obedecer a cuidados metodológicos que darão ao seu texto a legitimidade historiográfica, quer dizer, trabalha visando à veracidade dos acontecimentos que escreve com base nos vestígios deixados pelos homens no decorrer de suas existências (JUNIOR, 2007).

Muito tem se discutido sobre a imaginação em história, tão presente e inerente a literatura. Pesavento (2003) descreve que a história é a narrativa do que já aconteceu, mas não reflexo, é tradução de uma alteridade no tempo, o que envolve formas de representar o mundo que já não mais existem, e que seguiam outras razões e sentimentos, e para isso o historiador usa de estratégias ficcionais, presentes na escolha, seleção, rejeição de materiais, na organização de um enredo, escolha e uso de palavras, e desvendamentos de sentidos implícitos. O historiador usa da sua imaginação como um instrumento que lhe permite representar o passado por meio de uma narrativa. Por outro lado destaca a autora, o exercício ficcional da história encontra limites, coisa que não acontece com a literatura, pois ela deve se ater ao que aconteceu e seus personagens e fatos devem ser reais (PESAVENTO, 2003).

Le Goff (2003) descreve dois tipos de imaginação usados pelo historiador de modo que a história não perca seu status de ciência. Aquela que consiste em animar os documentos ou o que

está morto neles, dado que é isso que mostra e explica as ações dos homens e torna concreta a história e a imaginação científica que, diferentemente, manifesta-se no seu poder de abstração.

Ressalta-se que os rigores do método para a produção da historiografia obriga o historiador a basear sua escrita nos documentos deixados pelos homens do passado no presente, já que sem isso a história não é possível. Essas fontes, cruzadas e contrapostas a outras, fornecem redes de “significados de molde a recuperar tramas, com potencial explicativo e revelar sentidos” (PESAVENTO, 2003, p.36). A versão que ele elabora é a mais próxima possível do que teria acontecido, mesmo tendo consciência de que nunca alcançará a verdade, a busca pela verdade o anima (PESAVENTO, 2003).

A trama, presente na história e também na literatura, desenroladas de maneira diferente, impulsiona a escrita e a leitura de cada nova página, possibilitando a entrada e a vivência no texto, de modo a construir e construir-se num tempo, espaço e contexto particular (JUNIOR, 2007), pois bem sabemos que o texto tem vida própria e não pode ser controlado pelo escritor, e até mesmo o texto historiográfico, permite reinterpretações por parte de quem está envolvido nele e com ele (PESAVENTO, 2003).

A literatura, diferente da história, pode ser usada por essa como documento, como memória coletiva de um determinado tempo e espaço, incrementando os estudos históricos nas salas de aula e como objeto ou instrumento de estudo do historiador, sendo utilizada com essa função também pelos estudantes para que apreendam o ofício e sintam-se historiadores no momento inseparável da produção e aprendizagem da história para que este processo se torne o mais prazeroso possível e para que eles se emocionem ao aprender, fortalecendo seus vínculos com este aprendizado.

O que sobreviveu como memória, caso da literatura que pode ser escavada para representar a memória coletiva de um tempo e espaço, foi uma escolha efetuada por forças que operam no nível temporal do mundo e da existência, se apresentando, no presente, como monumentos (herança do passado) e documentos (escolha do historiador). O documento é monumento, ele é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da época que o produziu e das épocas sucessivas as quais continuou a viver, mesmo que esquecido, continuou a ser manipulado pelo silêncio, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser analisado, de modo a desmitificar seu aparente significado, já que como monumento, precisa ser desmontado, desestruturado em sua construção e averiguado no que se refere a suas condições de produção para que possa ser utilizável pelo historiador (LE BOFF, 2003).

1.2 Quatro Gerações: a possibilidade do ensino de história do sudoeste do Paraná

Quatro Gerações é um romance histórico escrito pelo jornalista Ivo Pegoraro lançado no ano de 2017 que retrata um período entre década de 1920 até os anos 2000 com elementos que envolvem o espaço que hoje é o Sudoeste do Paraná, na maior parte de seu enredo. A trama se dá em torno da família patriarcal composta pelo pai José Antônio Enearo, conhecido por Tôni, pela mãe Maria José de Oliveira de Souza, pelos filhos, netos, bisnetos e trinotos do casal. O romance histórico baseia-se em livros historiográficos e memorialísticos, periódicos, informações de cartórios da região, legislação, relatórios oficiais e entrevistas e toda a imaginação e experiência do autor que desde 1979 atua como profissional na imprensa de Francisco Beltrão.

Em um mundo repleto de estímulos que encantam pelas propostas de interação e construção conjunta de ambientes, como os games, as redes sociais, os blogs, é urgente que o professor se utilize de recursos que provoquem o estudante no sentido de despertar seu prazer pelo estudo das ações do homem no tempo (JUNIOR, 2007).

Literatura e história trabalhadas conjuntamente, respeitando e interpretando suas diferenças, podem servir de fonte de conhecimento e prazer para alunos que leem menos e necessitam de mais conhecimento no enfrentamento das exigências de um mundo mais competitivo e exigente (JUNIOR, 2007, p.8).

O romance histórico Quatro Gerações é escrito no presente tratando ou narrando fatos ficcionais baseados no passado por meio de uma memória coletiva, historiográfica, jornalística e oficial que se mantém daquele período, baseada na manifestação histórica e cultural produzida como representação do tempo e espaço abordado na obra. Os hábitos, costumes, linguagens, metáforas usadas pelo autor como parte da vida das personagens que compõe o livro são rememoradas a partir de documentos/monumentos que sobreviveram, voluntaria ou involuntariamente daquele período e pela tradição ou memória oral que se mantém, visto que, se tratando de história, é um período recente. Assim, apesar de a literatura não ter uma preocupação explícita com a memória, ela tem o forte poder de suporte para ela, já que a literatura tem formas privilegiadas de apreender aspectos da memória coletiva e de perpetuá-las como representações de uma sociedade, qualificando o mundo e orientando a visão e percepção de determinada realidade (GRECCO, 2014).

A literatura é fonte de si mesma, ou seja, ela sempre diz sobre o presente de sua escrita e não sobre a temporalidade narrada (PESAVENTO, 2003), e o autor da obra, no mesmo sentido, é fruto

de seu tempo e de sua sociedade, sujeito a condicionamentos de classe, origem étnica, gênero e do processo histórico do qual faz parte (FACINA, 2004) logo, o que poderá ser analisado, tendo como fonte histórica o romance, é como os homens da segunda década do século XXI pensam sobre os homens de meados do século XX, ambos existindo em um mesmo espaço, ainda que a obra seja baseada em memórias, historiografia e documentos, posto que estes próprios também sejam, em sua maioria, representações da história daquele período.

Seja a Literatura de cunho realista, dispondo-se a dizer sobre o real por forma da observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela recuperação idealizada de um passado, distante ou próximo, a Literatura é sempre um registro – privilegiado – do seu tempo (PESAVENTO, 2003, p.40).

O livro *Quatro Gerações* pode ser usado na escola como um instrumento de interdisciplinaridade, trabalhado pela História, Geografia, Sociologia e Língua Portuguesa, cada uma das disciplinas tratando de seus aspectos mais específicos e em conjunto em uma educação menos compartimentada, tendo em vista que a interdisciplinaridade é uma condição para que se melhore a qualidade do ensino, por meio da superação contínua da fragmentação, visto que orienta a formação global do sujeito, estabelecendo diálogos entre disciplinas e permitindo a interação entre conhecimento e a realidade concreta do estudante, melhorando a qualidade de vida, já que ele constrói uma visão global de mundo e de si mesmo, e, assim, é capaz de construir a existência de modo mais eficaz (LÜCK, 2007).

Um dos acontecimentos que são destaque na obra e na história do Sudoeste é a conhecida Revolta dos Posseiros de 1957, quando posseiros, cansados das atrocidades que vinham sofrendo dos jagunços de empresas privadas que aqui se instalaram para obter lucros a custas dos colonos e das árvores nativas se articulam para expulsá-los da região (LAZIER, 1998). O romance histórico *Quatro Gerações* faz com que o leitor sinta toda a apreensão do dia da revolta, sinta como se estivesse vivendo a sua representação ali sentado em sua cadeira, com os olhos vidrados nas páginas:

“- Aí, Tôni, hoje é nós que mete o trabuco na cara dos jagunços!
- Você não viu a chamada pelo rádio, é pra ir todo mundo!
Uns em pé, outros escorados nas tampas da carroceria, um se equilibrando na coronha da espingarda, e a mesma palavra de ordem na boca de todos:
- Hoje, companhia de terra vai tudo embora! Por bem ou por mal.” (PEGORARO, 2017, p.286).

Esse acontecimento pode ser abordado com a leitura e o uso do livro *Quatro Gerações* em um confronto entre o romance e alguns trechos de textos historiográficos que trabalhem com esse fato histórico, como por exemplo, o texto “As disputas pela terra no Sudoeste do Paraná: os conflitos fundiários dos anos 50 e 80 do século XX” de Elir Battisti de 2006, e “Análise histórica da posse de terra no Sudoeste do Paraná”, de Hermogenes Lazier de 1998. Os estudantes podem realizar comparações entre a narrativa histórica e a narrativa literária, analisar as semelhanças que se encontram na ficção e na historiografia, e descrever de que forma a representação historiográfica contribuiu para a narração literária que, por seu turno, também é representação. O mesmo pode ser realizado a partir da leitura do romance e de uma entrevista de algum sujeito que esteve presente e viveu o contexto da revolta de 1957. Essas análises visam proporcionar ao estudante a oportunidade de investigação, o que fará com que se entusiasme pelos estudos da história de modo a viver na pele o ofício do historiador.

A leitura do romance e de textos historiográficos sobre o período, e quem sabe a conversa informal com pessoas que convivem na comunidade e que participaram daquele contexto ou tiveram contato com alguém que participou, também possibilita a escrita de outro texto literário pelos estudantes, seja um conto, uma crônica, uma poesia, uma música, de modo que a ficção desperta a imaginação e a leitura dos textos historiográficos dão bases científicas para que possam embasar a sua produção, sendo facilmente possível articular esta atividade com a disciplina de Língua Portuguesa.

Essas atividades podem ser usadas para mostrar que o subjetivo está presente nas obras dos historiadores, pois dependendo de sua visão de mundo, de seu contexto social, da instituição que está inserido, das influências de seu presente histórico, ele abordará de determinado modo o fato histórico, não existindo “história no singular, mas ‘histórias’”. Cada historiador constrói uma possível história a partir de diferentes representações, o que lhe confere uma função política eminente” (GRECCO, 2014, p.12).

Não quer dizer que o conhecimento histórico seja ficção, ele é construído com evidências e controle, e apesar das limitações, busca ser um discurso com vistas à veracidade, recuperando sentidos e possibilitando a reconstrução da história com o olhar do presente, sendo por este motivo, uma ciência em permanente construção (GRECCO, 2014).

Aprender é um processo dinâmico em que o sujeito que aprende é transformado, em que algo é ganho, no caso da aprendizagem histórica, história é adquirida, os fatos que acontecem no tempo tornam-se parte do conhecimento consciente, tornam-se subjetivos, de modo que a

consciência histórica revela o tecido da mudança temporal dentro do qual nossas vidas estão presas e as perspectivas futuras para quais se dirige a mudança, favorecendo a orientação temporal na vida prática, no cotidiano, no dia a dia, e na subjetividade humana, por meio da construção da identidade histórica, pois a personalidade é expandida em sua extensão temporal (RUSEN, 2014), e neste sentido, a possibilidade de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento da consciência histórica deve ser apresentada aos estudantes, neste caso, o trabalho com uma obra literária produzida no Sudoeste do Paraná, como é o Quatro Gerações, com uma trama que trata da região e com personagens que se identificam com sujeitos que convivemos desperta a produção e aprendizagem da história a partir do contexto dos estudantes, proporcionando posteriormente a ligação de fatos que aconteceram aqui com fatos de nível nacional e internacional, aumentando de forma indeterminada a temporalidade da vida humana, finita por natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura e a História, apesar das aproximações enquanto narrativa, escrita e representação de determinado espaço e tempo, constituem-se, como método e objetivo, de forma diferente. Porém, a literatura, escrita ficcional sob forma de trama, que por sua vez envolve a imaginação, as ilusões, as paixões, as vontades e as excitações do autor, podem representar como talvez nenhum outro texto, sentimentos, costumes, e valores de determinada época e local, podendo ser usada pela História como fonte/documento/monumento e também como ferramenta didática em seu ensino.

A obra literária, embora, algumas vezes, narrar fatos que retratam o passado, deve sempre ser analisada no contexto do presente de sua escrita, no contexto em que o autor está inserido, tendo em vista que será sempre influenciado em suas palavras pelo meio social, cultural, histórico e econômico em que vive, pela instituição a qual pertence, pela escola que embasa sua obra ou a editora que paga ou permite sua publicação, sendo assim, escreve sempre de um ponto de vista que não pode ser tratado de forma não histórica, ou seja, não pode analisado com aspectos de outro tempo.

A escola, instituição por excelência destinada à educação formal e constituidora de humanidade no sujeito na contemporaneidade, deve ser pensada e repensada a toda instante para atrair a atenção dos estudantes, envolvendo-os em suas atividades de forma que sintam vontade de estar nela e ali se envolver, aprendendo e ensinando. Deste modo, deve ela criar condições que

atraiam os estudantes, assim como outros espaços fazem, sendo necessário para isso, usar cada vez mais linguagens alternativas no trabalho de ensino-aprendizagem, numa perspectiva interdisciplinar que não reparta os conteúdos e disciplinas.

Acreditando nesta ideia de educação atrativa é que a obra literária, no caso do estudo, o romance histórico “Quatro Gerações” do jornalista Ivo Pegoraro, pode bem contribuir para um trabalho interdisciplinar e da História, como forma alternativa de tratar de assuntos que envolvam a região Sudoeste com alunos que vivem no Sudoeste, que podem relacionar o texto, a aula, e a aprendizagem ao espaço onde constroem a sua existência.

Por fim, resta afirmar que a pesquisa tratou de uma pequena contribuição que a obra “Quatro Gerações” pode proporcionar ao estudo da História, deixando registrado que muitos outros aspectos da História do Sudoeste podem ser tratados usando o romance como fonte e ferramenta didática, como as ações do GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná), a Guerra do Contestado, o desenvolvimento urbano e agrícola, o êxodo rural, e as mudanças geográficas, entre outros.

REFERÊNCIAS

BATTISTI, Elir. As disputas pela terra no Sudoeste do Paraná: os conflitos fundiários dos anos 50 e 80 do século XX. **Campo – Território: revista de geografia agrária**, n. 2, P. 65-91, 2006.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. IN: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. Vol.6, Nº 11, 2014.

JUNIOR, Antonio Germano Magalhães. **A utilização da literatura no ensino de história: estabelecendo a trama como fronteira**. Associação Nacional de História – AMPUH. XXIV Simpósio Nacional de História – 2007. São Leopoldo, 2007.

LAZIER, H. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste do Paraná**. 3. ed. Francisco Beltrão: Editora Grafite, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MICELI, P. Uma pedagogia da História? IN: PINSKY, J. **O ensino de História e a criação do fato**. 14. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **Literatura e história na escola: aprendizagens e desafios mútuos**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NADAI, E. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. IN: PINSKY, J. **O ensino de História e a criação do fato**. 14. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

NADAI, E. **O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva**. Revista Brasileira de História. V. 13, nº 25/26. São Paulo, p. 143-162, 1992.

PINSKY, J. Nação e ensino de História no Brasil. IN: PINSKY, J. **O ensino de História e a criação do fato**. 14. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

PEGORARO, Ivo. **Quatro Gerações**. Francisco Beltrão: Jornal de Beltrão, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. 2003. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

RUSEN, Jorn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: RUSEN, Jorn et al. **Jorn Rusen: e o ensino de história**. Curitiba Pr: Ufpr, 2003. Cap. 6. p. 79-93.

RUSEN, Jorn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: RUSEN, Jorn et al. **Jorn Rusen: e o ensino de história**. Curitiba Pr: Ufpr, 2003. Cap. 5. p. 51-79.

SCHIMIDT, M. A. M. S. Cultura histórica, ensino e aprendizagem de história: questões e possibilidades. IN: OLIVEIRA, C. M. S.; MARIANO, S. R. C. **Cultura histórica e ensino de História**. João Pessoa: Editora UFPR, 2014, p. 39-60.

SOARES, Cristiane de Souza. **As representações literárias e o ensino de história: discutindo história pela literatura**. V Colóquio de História. Perspectivas Históricas > historiografia, pesquisa e patrimônio. Pernambuco, 2011.